

DOI: 10.17234/SRAZ.66.10

UDK: 821.134.3(81).09 Machado de Assis, J. M.

Original scientific paper

Recebido a 1 de maio de 2020

Aceite para a publicação a 18 de outubro de 2021

Um pensamento interior e único – literatura e história em Machado de Assis

Tiago Marcenés Ferreira da Silva
Instituto Federal de Brasília – IFB
tiago.ferreira@ifb.edu.br

Ao se pensar a obra machadiana, desde a primeira fase, nota-se nela um modo particular e consistente de percepção e figuração estética da história brasileira, sobretudo dos acontecimentos mais representativos da sociedade ao final do século XIX. Machado de Assis demonstra uma visão crítica sobre a dinâmica social brasileira, suas contradições e, acima de tudo, sobre o movimento da história nacional, que caminhava a passos lentos e problemáticos rumo à modernidade. Com o intuito de reforçar essa hipótese de leitura, o estudo se volta ao romance *Esau e Jacó*, de 1904, como obra exemplar acerca do quão presente estavam os fatos históricos e a realidade brasileira inscritos e analisados na produção machadiana.

Palavras-chave: história, romance, realismo, Machado de Assis, Brasil

Como grande prosador e hábil observador da realidade circundante, Machado de Assis constrói um modo próprio de representar o país, adentrando o universo das questões mais profundas e contraditórias que faziam do Brasil um país que partilhava do refinamento da cultura europeia ao mesmo tempo em que se alicerçava no trabalho escravo e na exploração humana para dar base à sua economia. A produção machadiana apresenta uma sistemática análise do modo de ser da sociedade brasileira, em especial da vida urbana no Rio de Janeiro, no período que abarca o 2º Império e o início da República. Tais características são alguns dos elementos que permitem pensar a existência de uma concepção de história na obra de Machado de Assis, a qual não pode ser ignorada e é determinante para o rumo assumido por sua produção madura, a partir da década de 1880 e se mostra determinante na figuração do movimento da história nacional presente nas diversas produções do autor.

Observando-se os estudos críticos sobre Machado de Assis no decorrer dos anos que se seguiram à sua produção, é possível perceber a superação da incerteza quanto aos nexos entre a obra de Machado e a realidade brasileira, especialmente com os estudos de Astrojildo Pereira e Lúcia Miguel-Pereira, os quais reafirmam categoricamente a ligação da obra machadiana com a realidade nacional como validação de seu caráter realista.

A reflexão acerca de Machado de Assis proposta por John Gledson, crítico inglês, é a de um escritor dotado de um “pensamento histórico”, com ideias próprias sobre a história brasileira, fascinado com a questão problemática da unidade de uma nação fraturada, e que, a partir de determinado momento, passa a enxergar o Brasil como “um país incapaz de uma verdadeira organização, adotando uma postura política pessimista, mas que, mesmo nos momentos de franco desespero, nunca deixou de se interessar pela sorte dele” (Guimarães 2017: 244).

Não seria exagero também entender, já nos primeiros romances de Machado, que esse modo de figuração se mostra como a concretização de certo instinto de nacionalidade, em que se capacita a falar do que é especificamente nosso, inscrevendo-o no mesmo movimento em âmbito geral. De tudo isso se depreende que Machado de Assis percebe as condições de possibilidade de uma certa figuração realista em seus romances, extraíndo da dupla delimitação – representada, por um lado, pelo romance de Alencar e, por outro, pelo romance europeu – um espaço próprio, um modo próprio de figuração realista.

Esses pontos reforçam o entendimento de que, em Machado de Assis, notadamente em seus romances, há o desenvolvimento de uma interpretação própria e peculiar do sentido do processo histórico da segunda metade do século XIX no Brasil. Assim, o Machado romancista apresenta uma visão abrangente, porém crítica e aprofundada, do sentido das mudanças políticas e sociais ocorridas no referido período, de modo que suas obras se revelam como meios esteticamente eficazes para externalizar tais mudanças e suas consequência para a realidade do país.

Do ponto de vista histórico, vê-se que as transformações ocorridas nesse período, e representadas na literatura machadiana, configuraram-se para a consolidação do poder de uma hegemonia política e de seu projeto de dominação – o paternalismo, alicerçado em uma relação pessoal com os dependentes (livres e escravos) e no pressuposto da inviolabilidade da vontade senhorial. Essa lógica de domínio, bem como o seu funcionamento e o modo como os dependentes atuavam explorando-lhe a lógica, mesmo que em benefício próprio, mostram-se presentes em romances tanto da primeira quanto da segunda fase da produção machadiana.

Pensando ainda nas produções da chamada primeira fase, *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878) mostram-se como figurações do lugar dos homens livres na ordem escravocrata brasileira, superando a mera trama amorosa romântica: são personagens submetidos à lógica da submissão pessoal, sempre sujeitos ao comportamento arbitrário e caprichoso de algum proprietário. Entretanto, carregadas de um tom conformista, seriam romances “enjoativos e abafados”, dominados por uma intenção civilizadora do escritor, que teria idealizado a família como esfera reparadora das desigualdades sociais e insistido “no respeito e no decoro com o que os conflitos devem se solucionar” (Schwarz 2005: 87).

Assim, a reviravolta a partir das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* originou-se de uma desilusão com o “paternalismo esclarecido”, o que leva o escritor a abandonar a visão moralizante dos primeiros romances e adotar outro ponto de vista: nos romances da segunda fase, quem narra é um membro de uma

família abastada, da classe senhorial dominante. A arbitrariedade de nossa elite, sua alternância entre os princípios liberais e o favor, bem como a escravidão, é exposta em toda a extensão de caráter destrutivo, algo que Machado alcança pela transformação, em princípio formal, do que era tema, assunto. “As condutas reprováveis (mas não reprovadas)” da elite ressurgem, porém promovidas a procedimento narrativo, o que ilustra o princípio da volubilidade do narrador, definido por Roberto Schwarz. O comportamento esnobe e caprichoso, que recusa critérios recém-adotados, valendo-se de toda a tradição ocidental para em seguida desprezá-la, é uma estilização do comportamento da elite nacional. “O dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura social do país”, afirma Schwarz; o “Romancista do Segundo Reinado” se particulariza em “romancista da desfaçatez das elites brasileiras” (Schwarz 2005: 11).

Em continuidade e complementaridade a esse raciocínio, John Gledson reafirma os principais pontos desenvolvidos pela crítica de Schwarz. Para o crítico inglês, contudo, não se tratava somente de perceber que os romances machadianos retratavam a estrutura e a dinâmica social do Brasil dos oitocentos. Para além desse aspecto, o modo pelo qual se constituiu e se arquitetou a ficção machadiana posterior a 1881, bem como a sucessão das obras, foram pensadas para transmitir uma visão da história do Brasil do Segundo Reinado. De acordo com Gledson (2003: 25), “Machado, como muitos outros romancistas do século XIX, desejava retratar a natureza e o desenvolvimento da sociedade em que vivia”.

Portanto, encontrar a história nacional na obra de Machado de Assis supõe, necessariamente, o enraizamento de sua literatura em uma concepção e percepção de Brasil, as quais resultarão num modo peculiar de figuração. Analisar essa figuração da História na literatura machadiana é algo inseparável da reflexão sobre uma visão peculiar do país por ele também expressa nas obras, sobretudo aquelas que compõem a produção posterior a *Brás Cubas* e que permitem a compreensão do movimento histórico nacional em sua profundidade e em seu inevitável caráter contraditório.

A culminância da análise do movimento e da figuração da história brasileira em Machado se encontra representada esteticamente em *Esau e Jacó*. Embora muitas vezes negligenciado pela crítica, que nitidamente se dedicou mais às memórias de Brás Cubas e às de Bentinho, além dos infortúnios de Rubião em *Quincas Borba*, esse romance machadiano apresenta, de modo bem evidente, a retratação de um momento histórico específico e, em tese, de maior importância para a história nacional, considerando-se a relevância que um processo de transição de um período monárquico para um republicano deve possuir.

Em *Esau e Jacó*, Machado de Assis refletiu sobre a especificidade do ritmo histórico brasileiro e percebeu a impossibilidade de figurá-lo literariamente utilizando os meios canônicos de representação realista ligados ao ritmo histórico europeu, muito mais dinâmico e marcado por tentativas de transformação sociais objetivas, fato não verificado na sociedade brasileira do século XIX. Desse modo, Machado destrói qualquer tipo de ilusão a esse respeito a partir da resposta formal que surge com essa obra, na medida em que, no romance machadiano que mais diretamente aborda a história do Brasil, tal abordagem é feita de maneira

enviesada, de modo a fazer sentir o ritmo peculiar do aburguesamento de um país periférico e seus modos de entrar na modernidade.

Com *Esau e Jacó*, nota-se como a história, considerada em suas mais variadas dimensões, faz parte da composição da narrativa, com inúmeras referências e citações relativas aos acontecimentos que marcaram o processo republicano brasileiro. Evidentemente, em comparação com os demais romances machadianos, é aquele que melhor se configura como uma narrativa histórica, podendo ser classificado como um “tipo peculiar de romance histórico dentro do conjunto da obra de Machado de Assis” (Riedel 1987: 4). Na verdade, nessa obra existe não apenas um olhar para trás, mas uma construção artística que incorpora situações também representadas pela História. No penúltimo romance machadiano, portanto, “mais que o registro, apaixonado ou indiferente, em primeiro ou segundo plano, de fatos históricos, se pode observar o peculiar processo machadiano de semiotização ficcional da matéria de extração histórica” (Bastos 1998: 135).

Nesse romance, em que, como centro da trama, há a história de dois irmãos gêmeos, Pedro e Paulo, rivais desde o ventre materno até a vida adulta, pode-se constatar que a perspectiva machadiana organiza os termos da rivalidade entre os gêmeos, de modo que um necessita do outro para se configurar minimamente, conforme se nota, por exemplo, no capítulo XVIII:

Ei-los que vêm crescendo. A semelhança, sem os confundir já, continuava a ser grande. Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que as fazia crer pintadas de sangue. Eram sadios; excetuada a crise dos dentes, não tiveram moléstia alguma, porque eu não conto uma ou outra indigestão de doces, que os pais lhes davam, ou eles tiravam às escondidas. Eram ambos gulosos, Pedro mais que Paulo, e Paulo mais que ninguém.

Aos sete anos eram duas obras-primas, ou antes uma só em dois volumes, como quiseres. (...)

Não digo com isto que um e outro dos gêmeos não soubessem agredir e dissimular; a diferença é que cada um sabia melhor o seu gosto, coisa tão óbvia que custa escrever (Assis 2012: 67).

A estrutura da obra, marcada pela duplicidade, desde a figura do narrador à personalidade dos irmãos, configura a dualidade do real, as posições ambíguas e contraditórias da época, as quais Machado dá a ver, porém sem se valer de um mero caráter documental e informativo ou simplesmente do reflexo fotográfico da realidade. Ele abre mão do comprometimento com a crônica histórica pura e simples, reduzida a inserção de fatos e eventos, para construir um romance cuja força se encontra na preocupação central com a História e na expressão de uma visão histórica, mesmo numa obra totalmente fictícia.

A rixa de superfície, formalizada por Machado por meio dos irmãos iguais e inimigos no enredo de *Esau e Jacó*, representa a apreensão da situação social contraditória vivida pelo Brasil no âmbito de seu aburguesamento. Nesse sentido, então, é possível considerar histórica a obra de Machado, até do ponto de vista da convencional adjetivação sobre o romance histórico.

Para além da alegoria histórica, há a relação entre os personagens, representantes da classe dominante e participantes de todo esse processo de transição que faz as coisas permanecerem exatamente iguais. Em Pedro e Paulo, gêmeos rivais, em tese, os protagonistas do livro, encontra-se o duplo motivo necessário para as ambiguidades que irão compor a narrativa, a partir da ironia e do desacato do narrador, também ele duplo, Aires.

Esse período, de grandes transformações na realidade nacional, uma vez que representa também o momento em que o país, tardiamente, passa a adentrar o terreno da modernidade, mostrou-se carregado de contradições e, em essência, desprovido de um verdadeiro e concreto processo de mudança, sobretudo de uma que atingisse as classes populares. Nesse sentido, Machado de Assis captou o período de transformação entrelaçando a história de Pedro e Paulo com o momento histórico em *Esau e Jacó*.

Na política, a disputa entre monarquistas e republicanos concentra grande parte das relações tênues entre história e ficção, conforme já foi mencionado. Chama a atenção, no entanto, que os acontecimentos em torno do dia 15 de novembro, dia da Proclamação da República, sejam retratados de forma monótona em relação aos personagens históricos, que aparecem no romance mais para pontuar o período do que para participar efetivamente da história.

De maneira recorrente, Machado apresenta na obra momentos de indiferença e não envolvimento dos personagens em relação à modificação de regime político. A abordagem dessas mudanças com certo grau de irrelevância por parte do narrador e sem o peso esperado na vida dos personagens não se mostra incongruente, especialmente pela percepção que o romance traz de certa desvinculação entre o regime republicano que se instalava e os interesses coletivos como um todo, ou seja, a constatação de uma transformação política que não traria mudanças realmente efetivas ao país. Como ilustração desse ponto, tome-se, por exemplo, o prazeroso jogo de vultrete de que participava Santos no calor do momento da Proclamação, porém mais ainda na grande preocupação, alguns capítulos antes, do confeitiro Custódio, amigo do conselheiro Aires, com a tabuleta de seu estabelecimento comercial.

Com *Esau e Jacó*, entra-se, portanto, na aparente modernidade republicana como continuadora de um passado monárquico indisfarçável no limiar de um mundo diferente, em que a contradição entre o velho e o novo domina a situação, revelando tratar-se realmente de um mundo diverso, que se vai erguendo em meio aos destroços do mundo antigo arrasado. Não por acaso a ação do penúltimo romance machadiano começa na Monarquia e termina na República. Machado de Assis, com este romance, faz a liquidação dos saldos do 2º Reinado e estabelece o divisor das águas entre o modo patriarcal e o modo burguês de civilização, representados na organização política respectivamente pela Monarquia e pela República.

Nesse processo de representação de um momento decisivo da história nacional – a mudança do regime monárquico para o republicano –, a força criativa de Machado de Assis se revela na configuração de um romance cujo ritmo e enredo captam a ausência de reais mudanças num processo político

mais movido a interesses de classe, acordos e golpes do que pela participação das classes populares, as quais, aliás, surgem espacial e socialmente segregadas no romance, tal qual se via no contexto social do país. Seu papel limita-se a reproduzir obviedades com ares de profecia, sempre ao encontro daquilo que a classe dominante que os busca, com “fé e vexame da opinião”, ressalte-se, deseja ouvir, na esperança de dar fim a suas angústias em relação ao futuro.

Bibliografia

- Assis, Machado de (2006). *A mão e a luva*. in: *Obra completa*. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Assis, Machado de (2006). *Helena*. in: *Obra completa*. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Assis, Machado de (2006). *Iaiá Garcia*. in: *Obra completa*. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Assis, Machado de (2012). *Esau e Jacó*. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin.
- Bastos, Alcmemo (1998). O almoço do conselheiro – História e ficção no mesmo cardápio, in: *Machado de Assis: uma revisão* [Secchin, Antonio Carlos; Almeida, José Maurício de; Souza, Ronaldo de Melo e (Org.)], Rio de Janeiro: In- Fólio, pp. 135-146.
- Bastos, Hermenegildo (2011). Dialética – Por quê? Para quê? in: *Teoria e prática da crítica literária dialética* [Bastos, Hermenegildo; Araújo, Adriana de (org.)], Brasília: Editora UnB, pp. 123-148.
- Gledson, John (2003). *Esau e Jacó*, in: *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Guimarães, Hélio Seixas (2017). *Machado de Assis – o escritor que nos lê*. São Paulo, Unesp.
- Riedel, Dirce Cortes (1975). Um romance ‘histórico’?, in: Assis, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Ática.
- Schwarz, Roberto (2005). *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades.

“An inner and unique thought” – literature and history in Machado de Assis, a study on the way of being history of Machado’s work

When thinking about Machado’s work, from the first phase, it is noticed a particular and consistent way of perception and aesthetic figuration of Brazilian history, especially of the most representative events of society at the end of the 19th century. Machado de Assis demonstrates a critical view on the Brazilian social dynamics, its contradictions and, above all, on the movement of national history, which was walking with slow and problematic steps towards modernity. In order to reinforce this reading hypothesis, the study turns to the 1904 novel *Esau e Jacó*, as an exemplary work on how present the historical facts and the Brazilian reality were inscribed and analyzed in Machado’s production.

Keywords: history, novel, realism, Machado-de-Assis, Brazil.